



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

# A propósito de castros

Francisco Martins Sarmiento

O Panorama Contemporâneo, Coimbra, 1883-84 — 1.º págs. 9, 17 e 25

Há dias, um amigo meu presenteou-me com dois números do *Progresso*, chamando a minha atenção para um escrito que aí vinha, *Quatro dias na Serra da Estrela*, e especialmente para a parte do escrito, em que; depois de falar da descoberta dum castro no alto do Buçaco e de entrar em algumas considerações acerca dos castros do nosso país, o autor, o sr. E. N., me fazia entrega do referido castro (o do Buçaco) para os sobreditos efeitos (a sua exploração) Agradecendo muito deveras as benévolas expressões que o sr. E. N. me dirige, eu vou dizer a razão por que me não apresso, a aceitar a sua generosa oferta, aproveitando a ocasião para também por minha vez dissertar um pouco sobre os castros.

Eu nunca iria explorar, nem mesmo examinar o castro do Buçaco, se se tratasse de aclarar o problema que o sr. E. N. propõe discussão — a unidade de civilização dos antigos galegos e dos antigos lusitanos, porque esse facto não é para mim um problema novo, mas um dogma velho. Se o exame dos castros fosse necessário para robustecer esta crença, eu tenho visto castros bastantes, para dever supor que a minha fé não é precisamente a fé de carvoeiro. Vou porém dar a lista dos que tenho visitado até hoje, para que o sr. E. N. julgue por si mesmo:

Castiã de Vilar de Mouros; — Castro de Riba de Âncora; — Castro de Mouros (Âncora); Castro de Areosa; — Castro de Nossa

Senhora do Castro (Neiva); — Castro de Nabais; — Castro de Santagões; — Castro da Retorta; — Castro de Santo Ovídio, não longe do convento de Vairão; — Castro de Macieira da Maia; — Castro de Alvarelhos; — Castro de Oliveira (concelho de Famalicão); — Castro de Prazins (concelho de Guimarães); — Castro de Sobreposta; — Castro de Francoim (Felgueiras).

Desde que vi o primeiro monte com o nome de castelo, desenganei-me logo que os castros e castelos se parecem como duas gotas de água. Fui examinando pois: — Castelo de Neiva; — Castelo de Casais (Junqueira); — Castelo de Guifões, que os naturais chamam Castelo — Castelo de Vermoim. Entre os castros, castelos e cidades (às vezes cidades) não há outras diferenças, senão as de dimensões, e nem sempre. Fui por isso examinando com a mesma atenção: — Cidade do Cossourado (Paredes de Coura); — Cidade de Âncora; Cidade de Terroso (concelho da Póvoa de Varzim); Cidade de Bagunte; Cidade de Refojos de Basto. Mas a grande maioria das nossas estações pré-históricas, pertencendo aliás a qualquer das categorias atrás mencionadas, perderam mesmo o seu nome genérico e só podem ser designadas pelo nome dos montes, outeiros, etc., em que se encontram. Castros, castelos ou cidades foram com certeza todas as ruínas que visitei nos seguintes montes: — Monte do Espírito Santo (junto a Vila Nova de Cerveira); — Monte de Góis (Cerveira); — Picôto de Mouros (parte de Vile, parte de Riba de Âncora); Monte de Santo Amaro (Riba de Âncora); — Monte de Santo António (Afife); — Monte Dor (Carreço); — Monte de Santa Luzia (Viana do Castelo); — Monte de Roques (perto de Vila de Punhe); — Alto da Ponte (esquerda do Neiva, defronte do Castelo do mesmo nome); — Monte da Cerca (Vila Chá, concelho de Barcelos); — Monte de S. Lourenço (idem); — Monte de Laudos (concelho da Póvoa de Varzim); — Monte de S. Miguel (Oleiros, concelho de Guimarães); Monte da Senhora (S. Jorge de Selho); — Monte da Forca (Vila Nova de Sande); — Monte de Santa Marta (Falperra); — Montez elo (Santa Leocádia de Briteiros); — Monte de Santiago (Penselo, concelho de Guimarães); — Monte da Saia (concelho de Barcelos); — Monte de S. Cristóvão (S. Julião de

Freixo, salvo erro); — Monte de S. Domingos (Lousada); — Outeiro dos Mouros (em Santa Maria de Pedraça, Basto).

Talvez esta enumeração se vá aproximando da “tremebunda massada”, que o sr. E. N. queria evitar aos seus leitores; mas já agora, não podemos parar senão no fim da jornada. Mencionarei portanto as seguintes ruínas, algumas de primeira ordem, e que dão pelos seguintes nomes: — ~ Coroa do Amonde (únicas ruínas que entre nós tenho visto com esta denominação); Eira dos Mouros (não longe do Castelo de Vermoim); — Santa Iria (Louredo, concelho. de Lanhoso); — Pena Província (defronte de Lanhoso); — Cidade da Citânia, Citânia menor, que ambas as coisas tenho ouvido chamar às ruínas de Paços de Ferreira; — Calcedónia (Gerês); — Carmona (Carvoeiro); — Freixo (Marco de Canavezes).

Eu ponho de lado a Citânia e Sabroso e os montes, que não são poucos, onde encontrei vestígios de povoações antigas muito apagados, tais como Santa Margarida, perto de Roriz; Monte de Santa Eulália, de Santo Amaro, da Senhora do Monte, nas proximidades de Guimarães; Chá de Cheios, no Gerez, etc., e, por isso que só dou conta das estações pré-históricas que vi com os meus próprios olhos, claro é que excluo todas aquelas que nos noticiam os nossos antiquários, Carvalho, Argote, Pinho Leal, etc., e igualmente aquelas que me têm sido indicadas e têm sido vistas por informadores de toda a confiança<sup>1</sup>.

Limitando-me apenas ao resultado das minhas investigações pessoais, vê-se que não é estouvadamente que eu afirmo uma tal ou qual competência para falar de castros, se é do exame deles que havemos de deduzir a unidade da velha civilização da Lusitânia.

Dir-se-á que a minha experiência pode autorizar-me a julgar,

---

<sup>1</sup> Se numa Carta geográfica se marcasse com um ponto negro as estações que tenho visto no Entre-Douro-e-Minho, notar-se-ia talvez que elas são mais abundantes no litoral, do que para o centro da província. Devo porém dizer que o meu trabalho de reconhecimento, porque esse o nome próprio, começou pelo litoral, que ainda não examinei todo. As visitas às estações do interior foram ocasionais e sem método. No entanto tenho razões para acreditar que a população antiga do nosso país não era mais densa na beira-mar, que nas outras partes.

com mais ou menos sem-cerimónia, dos castros<sup>2</sup> no Entre-Douro-e-Minho, mas de modo algum nos povos que lhe ficavam ao sul e nos galegos que lhe ficavam ao norte; porém, quanto à Galiza, além dos factos que o sr E. N. cita, e que eu podia multiplicar, donde se infere que os castros da Galiza, até hoje descritos, são irmãos gémeos dos do Minho, eu examinei também por mim mesmo as ruínas de Santa Tecla, a sul da Guárdia dois castros na vertente oriental do Monte Tarroso, a norte daquela povoação; o Monte da Senhora da Guia, sobre a Baía de Vigo; o Castillo del Castro, de Vigo, para poder escrever, com toda a consciência, que entre estas ruínas e todas as que tenho visto não há a menor diferença.

Quanto à região do sul do Douro, examinei alguns castros dos arredores da Serra da Estrela; ouvi a descrição de muitos outros que me foram indicados, e, se o acaso não zombou comigo, apresentando-me apenas os castros que tinham com os da Galiza e Minho uma perfeita analogia, não pode ser taxada de menos razoável a convicção que me possui de que ninguém achará desde o Mar Cantábrico até aos Hermínios, pelo menos, outros castros que não sejam um novo exemplar dos que até hoje tenho examinado.

O que pode agora perguntar-se é se o exame superficial dos castros, isto é, a inspecção deles, desacompanhada de escavações mais ou menos minuciosas, é capaz de fornecer provas suficientes a favor da unidade da civilização entre, os povos que os habitavam. Esta pergunta pode ser incómoda para aqueles que se colocam no ponto de vista do sr. E. N., mas a mim não me incomoda nada.

A unidade da civilização nos antigos lusitanos era para mim um ponto de fé, mesmo antes de pensar nos castros. Quando os antigos observadores, de cuja experiência se aproveitou Estrabão, nos asseguram que os lusitanos, galegos, astures e cantabros, quer dizer, os povos ocupando a área da Lusitânia antiga<sup>3</sup> (2), tinham os mesmos usos e costumes; quando, em vista da onomástica que nos resta

---

<sup>2</sup> *Brevitatis causa* darei o nome de castros a todas as nossas estações pré-históricas.

<sup>3</sup> Ainda para poupar palavras, tomo a Lusitânia no sentido em que a tomava Estrabão, remontando a tempos antigos — a zona da Espanha entre o Tejo e o mar da Biscaia.

destes povos, se não pode duvidar de que eles falavam a mesma língua, como o atesta a analogia e às vezes a identidade dos seus nomes geográficos, pessoais, etc., e que tinham uma mesma religião, como o mostram os nomes dos seus deuses próprios (não romanos), seria para pasmar que eles não possuíssem uma mesma civilização, e que o exame ou mesmo a exploração minuciosa dos castros viesse destruir um facto que assenta em bases de tanta solidez. Por isso, estudando os castros e tentando aqui e ali alguma exploração, o que eu tinha em mira era conhecer a natureza e extensão dessa civilização e principalmente a sua origem primária; mas nunca me passou pela ideia a possibilidade de que a velha doutrina pudesse ser desmentida.,

Desenganado estou, há muito, atenta a quantidade inumerável dos nossos monumentos arqueológicos, as dificuldades da sua descoberta<sup>4</sup> e os dispêndios das escavações, de que só poderia chegar ao fim da minha tarefa, sonhada em momentos de entusiasmo insensato, se tivesse ao meu dispor duas coisas, simplesmente impossíveis: o elixir de longa vida e a pedra filosofal; mas dos resultados do trabalho microscópico, que até hoje consegui levar a cabo, pode ver-se se os castros favorecem ou desfavorecem a opinião preconcebida com que os estudei, e se a civilização material que eles acusam é ou não a mesma.

A escolha da posição dos castros e o seu sistema de fortificações é sempre semelhante. Isto não diz nada. Escolher para ponto de defesa a coroa de um monte, e dificultar o seu acesso por meio de fossos e de muralhas, é uma coisa tão naturalmente indicada e tão vulgar entre os antigos, que não pode ser exclusivo de povo nenhum. É verdade que as muralhas dos nossos castros são em regra construídas de pequenas pedras, tendo uma grossura muito certa, entre sete e oito palmos. Esta particularidade pode ser ainda casual. Em alguns castros encontram-se ainda restos de calçadas; O lajeamento delas é sempre semelhante; assentavam-se no solo as pedras que se achavam à mão, maiores ou mais pequenas, e sempre como a natureza as dava, e, se uma grande laje acertava de ocupar

---

<sup>4</sup> Parece exageração; mas quem se der a igual trabalho dirá depois se exagero ou não.

algum ponto de traçado do caminho, lá ficava a laje. Nada mais primitivo.

Onde os castros começam a mostrar particularidades mais características é nas casas, principalmente nas casas circulares. Não faltam castros, onde quem quer pode examinar restos de casas circulares; tais são: Citânia, Sabroso, Castro da Areosa, Monte de Santa Luzia, Monte de Roques, Carmona, Casto de Alvarelhos, Citânia de Paços de Ferreira, Cividade de Refojos de Basto, etc., mas na maior parte deles só uma escavação poderia mostrar que elas não faltam em nenhum<sup>5</sup>. Não só a forma das casas circulares, mas o seu aparelho, é tão semelhante, que se diriam feitas pela mesma mão.

É bom repetir que os castros são avaros das suas relíquias. Em muitos toda a pedra de construção, que não ficou entranhada no solo, foi completamente varrida e aproveitada em vedações de terrenos vizinhos; noutros o mato e a urze esconde tudo. Se o terreno é estéril ou foi roçado de fresco, ainda que não apareçam vista sinais de construções, o que aparece infalivelmente são fragmentos de barro. Os mais salientes, e os menos importantes, são pedaços de telha romana<sup>6</sup>, e, não raras vezes, cacos de ânforas, também romanas; mas a cada passo se apanham outros fragmentos mais miúdos, de pasta mais grosseira, e que merecem atenção, porque, se são ornamentados, a sua ornamentação é idêntica à da cerâmica chamada dos dólmenes, e dominante em Sabroso; se são lisos, tanto pela sua composição, como pela forma da vasilha, que um resto da asa ou do bocal deixa adivinhar, encontram sempre similares noutros castros.

É quase um milagre que o esquadrinhador paciente não encontre nos castros ou nos seus arredores alguma atafona de mão,

---

<sup>5</sup> Em muitos castros, onde nenhuns vestígios de construções se vêem, a existência de casas circulares tem-me sido atestada por pedreiros que aí têm trabalhado, e por jornaleiros, que as têm descoberto ao arrancar alguma árvore.

<sup>6</sup> Os tijolos, de que fala o sr. E. N. É mais raro encontrar Castros onde eles não aparecem do que o contrário. Isso porém não prova que as estações, em que esses e outros restos de indústria romana se descobrem, não sejam pré-romanas. Prova só que elas continuaram a subsistir depois da conquista romana. O ponto está resolvido pela comparação das explorações da Citânia e do Sabroso. Neste a influência romana é nula, naquela evidente; mas o tipo das duas povoações é exactamente o mesmo.

ou inteira, ou partida. Se à destruição dos homens escapou algum monumento de mais vulto, ele é sempre a confirmação da tese que os informadores antigos e a onomástica nos obrigaram a aceitar.

Assim o castro de Santo Ovídio (Fafe) deu-me uma das chamadas estátuas galegas (que mais propriamente deviam ser chamadas lusitanas), e que, melhor que as suas parentas, nos reproduz a armadura, que, segundo Estrabão, era característica dos lusitanos. Em Refojos de Bastos, na vila, encontrei uma outra, que pertenceu certamente a um castro arruinado e que lhe fica próximo.

O castro de Paços de Ferreira (Citânia) lá conserva uma inscrição num penedo, mencionando um NIMINID FIDVENEARVM, e eu creio que estas entidades têm direito a entrar no Panteão dos deuses *célticos* (sic) da Lusitânia antiga, como os outros deuses *célticos*, de que a epigrafia não dá conta, tanto a norte do Minho, como a sul do Douro. No mesmo caso está o DEVS DVRBEDICVS, cuja ara desprezada, felizmente com a inscrição para fora, encontrei na alvenaria da torre da igreja de Ronfe, entre os castros de S. Miguel (Oleiros), Castro de Oliveira e Monte da Senhora. No mesmo caso está o étnico. ONCOBRICENSÉS<sup>7</sup>, subentendendo uma cidade Oncóbriga, cujo último componente é vulgar em toda a antiga Lusitânia. No mesmo caso estão as inscrições achadas na Citânia. Os nomes de *Camalus*, *Coronerus*, *Medamus*, *Aturo*, *Viriatus*, *Larus*, *Caturo*, não desdizem nada dos nomes que nos oferece a epigrafia da Galiza e do sul do Douro.

Notemos ainda os seguintes factos: o castelo de Vermoim dá-nos uma grande pedra esculpada. O seu desenho é o desenvolvimento do mesmíssimo motivo ornamental, que se vê nos trabalhos da “pedra formosa” e noutras pedras desenterradas nas escavações da Citânia e de Sabroso. Na cidade de Âncora foram achadas algumas pedras do mesmo estilo ornamental, e uma delas é de imensa importância, por demonstrar a origem pré-romana dos

---

<sup>7</sup> Pode duvidar-se, se falta a primeira letra deste nome.” Creio que não. Para o fim, a que miramos, a coisa indiferente. A inscrição foi encontrada no castro do Freixo (Marco de Canaveses).

célebres entrelaços irlandeses, com os quais tem incontestável analogia. Outros espécimes desta curiosa arte pré-romana não devem faltar nem na Galiza, nem para o sul da província do Minho. Não aparecem, porque ninguém os procura.

Em Sabroso foi encontrada a cabeça dum animal, dum porco, parece, e vê-se que ela fazia parte dum corpo que não escapou à destruição dos montantes, uns sujeitos que desde tempos remotos tomaram à sua conta a devastação deste castro e de dezenas doutros. A brutesca figura devia ser de boas dimensões. Figuras idênticas são conhecidas no norte da Espanha, e devem existir igualmente para o sul do Douro, domo existem em Trás-os-Montes, porque para nós é de fé que a célebre porca de Murça e a ursa do pelourinho de Bragança são monumentos muito mais antigos do que geralmente se crê. Eu cito estes últimos factos, e podia aumentar a lista, no intuito de mostrar que há mais razões a favor do que contra, para acreditar que as explorações dos castros não desmentirão as inferências que o seu exame superficial e o seu aspecto uniforme sugere ao observador, no tocante à unidade da civilização entre os povos que os construíram.

Há ainda dois factos genéricos que não posso deixar em silêncio.

É raro o castro, onde não tenha encontrado as conhecidas *fossettes* dos franceses. São pequenas concavidades abertas na superfície das lajes ou dos penedos e cuidadosamente polidas. Em geral o seu diâmetro não excede polegada e meia, mas há-as muito maiores. Aparecem mais vezes em grupos que isoladamente. Os grupos não exigem número certo. Podem ser encontradas por três ou por duzentas, porque mais de duzentas contei eu já numa só laje. Frequentemente, a par destes sinais, encontram-se outros muito variados: ora uma cavidade tendo a forma duma pegada, não sendo raro ver duas pegadas a par; ora uma cavidade oblonga, já simples, já cercada por um ligeiro sulco. Com as covinhas, mas também noutras partes sem elas, acham-se círculos formados por um traço pouco profundo. Umas vezes os círculos são simples, e podem ter ou não ter o ponto central; outras vezes são dobrados ou triplíces.



Os círculos aparecem quase sempre soltos, mas em Sabroso, por exemplo, encontram-se ligados por uma linha oblíqua, como em alguns ornatos de cerâmica pré-romana. Podem também aparecer isolados ou por grupos. Na Citânia há um grupo de dezoito. As suas dimensões são variáveis desde três polegadas até meio metro de diâmetro. Não é raro encontrar covinhas dentro dos círculos em posições excêntricas. Além das figuras circulares tenho encontrado, mas raramente, figuras quadradas e outras elipsóides, menos raras que as segundas. O círculo é às vezes singelo e tem uma linha que do centro se prolonga para fora da circunferência, terminando nas duas extremidades por uma covinha. Este sinal é sumamente curioso, porque, segundo alguns arqueólogos que têm visitado a Índia, ele é ainda aí usado. Tem o nome de Mahadeu, e relaciona-se com o culto de Siva.

Isto traz-nos a outra gravura que examinei perto das ruínas do Monte da Saia, um suástica perfeito, associado com círculos concêntricos, covinhas e outras figuras já mencionadas acima. É a única suástica que tenho encontrado gravada em penedos<sup>8</sup>, mas um rapaz de Penselo traçou-me no chão um sinal que disse ter encontrado numa laje da beira do rio Ave, e que, em vista da cópia, nenhuma dúvida deixa de ser um suástica tão perfeito como o da Saia. Estes e outros factos fazem-me crer que esta famosa cruz dos Índios não deve ser rara entre nós. Também não é rara a espiral ou linha enrolada, nem a cruz dentro do círculo, idêntica a outras que o sr. Mortillet reproduz no seu escrito: *Le signe de la Croix avant le christianisme*. Eu omito outras gravuras mais complicadas, onde predomina quase sempre a linha curva.

Se estes sinais são simbólicos, como o pensam alguns sábios, todos eles pertencem com certeza ao mesmo simbolismo, a julgar pela sua associação. No Minho são eles vulgares; na Galiza igualmente, como se pode ver, entre outras, na obra do sr. Siveló. Não pude encontrá-los nos castros dos arredores da Serra da Estrela; mas um homem muito competente nesta matéria, por ter gasto muitos anos à

---

<sup>8</sup> Suásticas de braços curvos, como as de Micenas, aparecem em Sabroso e na Citânia.

procura de tesouros encantados, afirmou-me que círculos concêntricos não faltavam pelos sítios que ele percorrera, levado da sua mania<sup>9</sup>. A sua existência para o sul do Douro é tanto mais provável, que eles se encontram para o sul da Espanha, como o mostra o livro do sr. Gongora: *Anteguedades d'Andalucia*.

Diremos de passagem que nos dólmenes do norte da Europa não são raras gravuras, muito idênticas às dos nossos castros. Esta observação leva-nos naturalmente ao segundo facto de que atrás prometemos ocupar-nos.

Com o nome de mamoas são conhecidos na Galiza, no Minho e para sul do Douro uns certos monumentos a que não é possível hoje negar o carácter sepulcral. Acontece com as mamoas o mesmo que com os castros mais se procuram, mais se encontram. Eu escrevi já que estas sepulturas eram a última morada dos habitantes, dos castros. Vou repetir e ampliar as, minhas razões.

As mamoas do Vale do Âncora ficam entre o Picoto dos Mouros, Santo Amaro, Castro de Riba de Âncora, Castro de Mouros e Cividade de Âncora. Conheço cinco no vale, tendo como certo que a cultura destruiu muitas outras, e conheço mais seis nos antigos caminhos, que do vale iam para Azevedo e para Caminha. As mamoas de Vila Chá (Barcelos), que são oito, ficam algumas muito perto do Monte da Cerca. As Mamoas de Laundos, sete, ficam próximas do castro que aí vi. As mamoas de S. Simão da Junqueira, duas (mas afirmam-me que há mais, que não tive tempo de examinar), ficam perto do Castelo de Casais. O castro de Sobreposta tem no pequeno convale, que o separa do Monte de Espinho, sete mamoas, e no convale oposto, que o separa do Monte de Picos, seis. Ao pé de Pena-Província, defronte de Lanhoso, há sete. No caminho que do castro de Santa Iria ia para Sobreposta, e não longe daquela estação, há quatro. A poucos passos de Sabroso há cinco. Parece-me inútil multiplicar os exemplos.

Eu creio firmemente que todo aquele que estudar a posição das mamoas em relação aos castros não pode furtar-se à convicção de

---

<sup>9</sup> Para o povo, estes sinais são sempre dos mouros, e indicam tesouro perto.

que as duas espécies de monumentos estão inteiramente ligadas.

Para mim é isso hoje uma verdade mais sólida do que um castelo roqueiro, mormente depois que a exploração de diferentes mamoaas me fez ver em algumas pedras, que compunham caixas tumulares, cobertas por elas, as mesmas covinhas, e nas lajes próximas as mesmas gravuras, que já tinha observado nos castros, e depois que elas me forneceram alguns objectos que pude comparar com os dos castros. Estes objectos são, por via de regra, machadinhas de pedra e pontas de seta de sílex.

Ainda não pude encontrar nos castros pontas de seta<sup>10</sup>; mas as machadinhas que tenho achado nas mamoaas não fazem a menor diferença, nem pela forma, nem pela natureza da rocha, doutras que recolhi em Sabroso, na Citânia, no Monte da Senhora, no Castelo e em outros castos.

Eu não sei que em vista disto se possa duvidar um momento se as mamoaas são ou não as sepulturas dos habitantes dos castos. Não posso porém deixar de mencionar uma circunstância mais. Se a exploração dos castros mostra que as povoações pré-romanas continuaram, na sua grande maioria, a subsistir depois da dominação romana, como o provam os objectos de indústria romana, que aí se encontram, nomeadamente a telha de rebordo, fragmentos de telha da mesma qualidade, que tenho achado em mais que uma mamoa, provam do mesmo modo que estas sepulturas ainda estiveram em uso depois da conquista dos Romanos.

Guimarães, 20-11-83.

---

<sup>10</sup> Nas explorações de Tróia por Schliemann sucedeu o mesmo. O facto merece notar-se.